

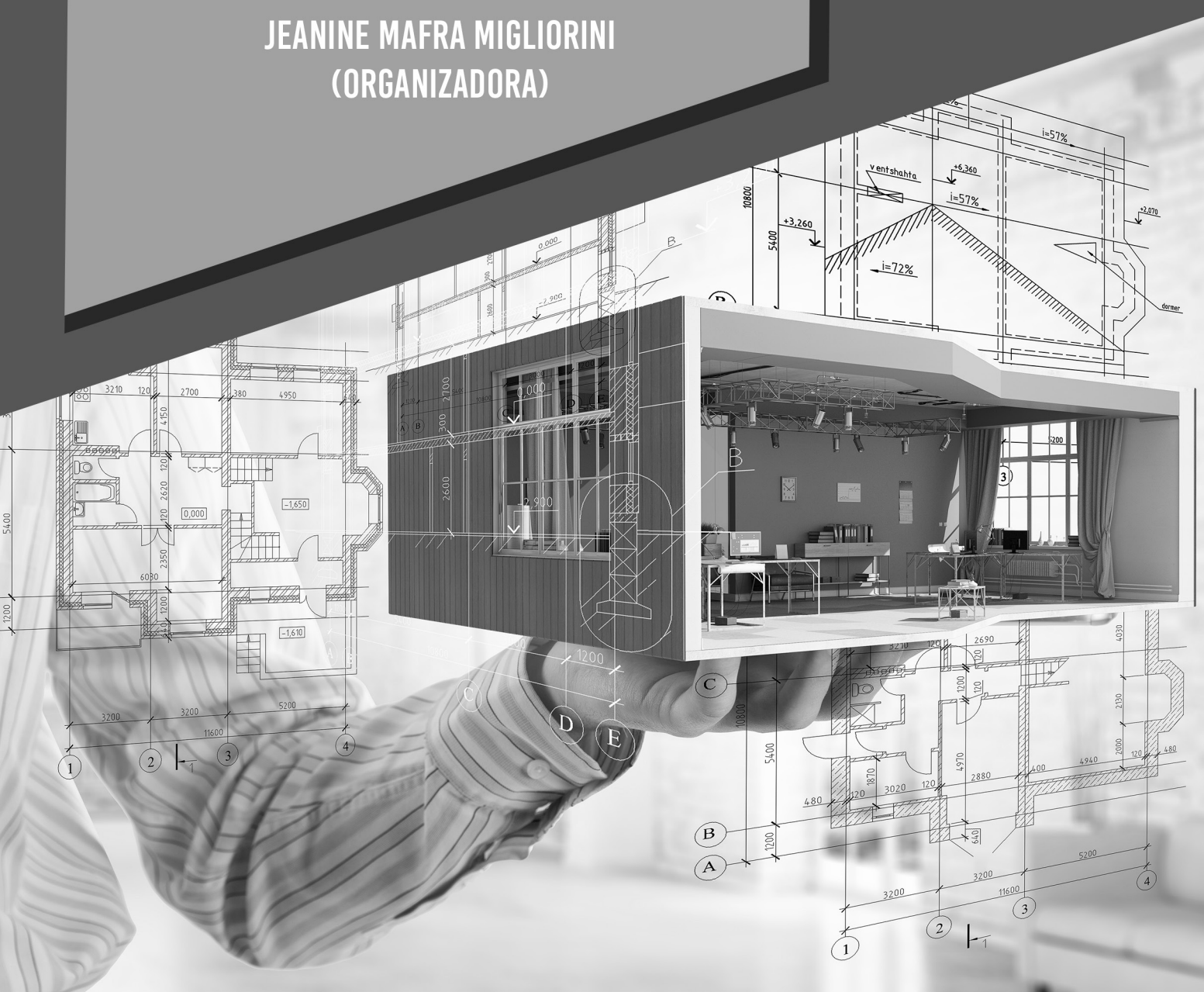
ARQUITETURA E URBANISMO: ABORDAGEM ABRANGENTE E POLIVALENTE 2

JEANINE MAFRA MIGLIORINI
(ORGANIZADORA)



ARQUITETURA E URBANISMO: ABORDAGEM ABRANGENTE E POLIVALENTE 2

JEANINE MAFRA MIGLIORINI
(ORGANIZADORA)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista

Maria Alice Pinheiro

Edição de Arte

Luiza Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais

Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo

Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia

Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases

Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil

Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí

Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé

Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária

Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná

Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina

Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College

Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social

Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe

Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Arquitetura e urbanismo: abordagem abrangente e polivalente

2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Jeanine Mafra Migliorini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A772 Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : abordagem abrangente e polivalente 2 / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-196-1

DOI 10.22533/at.ed.954202407

1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Migliorini, Jeanine Mafra.

CDD 720

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br


Ano 2020

APRESENTAÇÃO

Ao estudar e escrever sobre arquitetura nos deparamos com um universo que vai além da ciência, essa realidade abrange acima de tudo o social, uma vez que a arquitetura é feita para o homem exercer seu direito ao espaço, da maneira mais confortável possível. O conceito do que é exatamente esse conforto muda significativamente com o passar dos tempos. Novas realidades, novos contextos, novas tecnologias, enfim, uma nova sociedade que exige transformações no seu espaço de viver.

Algumas dessas transformações acontecem pela necessidade humana, outras, cada vez mais evidentes, pela necessidade ambiental. Um planeta que precisa ser habitado com consciência, de que nossas ações sobre o espaço possuem consequências diretas sobre nosso dia a dia. Esta discussão é necessária e urgente, nossos modos de construir, de ocupar devem estar em consonância com o que o meio tem a nos oferecer, sem prejuízo para as futuras gerações.

As discussões sobre essa sustentabilidade vão desde o destino e uso das edificações mais antigas, que são parte de nosso patrimônio e são também produto que pode gerar impactos ambientais negativos se não bem utilizados; do desaparecimento ou a luta pela manutenção da arquitetura vernacular, que respeita o meio ambiente, à aplicação de novas tecnologias em prol de construções social e ecologicamente corretas.

Não ficam de fora as abordagens urbanas: da cidade viva, democrática, sustentável, mais preocupada com o bem estar do cidadão, dos seus espaços de vivência, de permanência e a forma como essas relações se instalam e se concretizam, com novas visões do urbano.

Para tratar dessas e outras tantas questões este livro foi dividido em dois volumes, tendo o primeiro o foco na arquitetura, no espaço construído e o segundo no urbano, nos grandes espaços de viver, na malha que recebe a arquitetura.

No primeiro volume um percurso que se inicia na história, nos espaços já vividos. Na sequência abordam as questões tão pertinentes da sustentabilidade, para finalizar apresentando novas formas de produzir esse espaço e seus elementos, com qualidade e atendendo a nova realidade que vivemos.

No segundo volume os espaços verdes, áreas públicas, iniciam o livro, que passa por discussões acerca de espaços já consolidados e suas transformações, pela discussão sobre a morfologia urbana e de estratégias possíveis de intervenção nesses espaços, também em busca da sustentabilidade ambiental e social.

Todas as discussões acabam por abordar, na sua essência o fazer com qualidade, com respeito, com consciência, essa deve ser a premissa de qualquer estudo que envolva a arquitetura e os espaços do viver.

Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ÁREAS DE PRESERVAÇÃO E URBANIZAÇÃO: O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO LITORAL PAULISTA	
Isabella Silva de Serro Azul Gabriela Sayuri Durante Samuel Bertrand Melo Nazareth	
DOI 10.22533/at.ed.9542024071	
CAPÍTULO 2	13
ANÁLISE MORFOLÓGICA DE PADRÕES ESPACIAIS DA VEGETAÇÃO NATIVA REMANESCENTE DO MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS, MG, COMO SUBSÍDIO PARA CONSTRUÇÃO DE INFRAESTRUTURA VERDE	
Leandro Letti da Silva Araújo Evandro Ziggiatti Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.9542024072	
CAPÍTULO 3	30
EVOLUCIÓN DE LAS TIPOLOGÍAS DE ESPACIOS VERDES PÚBLICOS EN EL PAISAJE URBANO. RESCATE DE LA MEMORIA VEGETAL EN VALPARAÍSO	
Cristóbal Cox Bordalí Constanza Jara Herrera	
DOI 10.22533/at.ed.9542024073	
CAPÍTULO 4	63
ARBORIZAÇÃO DE VIAS PÚBLICAS EM IRUPI-ES: UMA ANÁLISE DA MORFOLOGIA URBANA DOS BAIROS CAROLINO BARBOSA E JOÃO BUTICA	
Eduardo Machado da Silva Wagner de Azêvedo Dornellas	
DOI 10.22533/at.ed.9542024074	
CAPÍTULO 5	88
PERCEPÇÃO AMBIENTAL E ANÁLISE MORFO-ESPACIAL DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: UM ESTUDO EM CIDADES DE MÉDIO PORTE NO RIO GRANDE DO NORTE/RN	
trícia Caroline da Silva Santana	
DOI 10.22533/at.ed.9542024075	
CAPÍTULO 6	102
ENTRE BELÉM/PA E RECIFE/PE, TERRITÓRIOS DESENHADOS EM PROCESSOS RESTRITIVOS, PERMISSIVOS, OCULTOS E PACTUADOS À LEGISLAÇÃO URBANO AMBIENTAL	
Ramon Fortunato Gomes Ricardo Batista Bitencourt	
DOI 10.22533/at.ed.9542024076	
CAPÍTULO 7	116
PROJETO E PLANEJAMENTO URBANOS FRENTE AOS PARADIGMAS ECOLÓGICOS DA AGRICULTURA URBANA	
Bruno Fernandes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9542024077	

CAPÍTULO 8	129
A EVOLUÇÃO URBANA DA CIDADE DE SANTOS E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO DE 1532 A 1930	
Hilmar Diniz Paiva Filho Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.9542024078	
CAPÍTULO 9	145
PATRONES DE LOCALIZACIÓN E INSTALACIÓN DE INFRAESTRUCTURA RELIGIOSA CATÓLICA EN SANTIAGO DE CHILE. 1850 – 1950	
Mirtha Pallarés-Torres Maria Eugenia Pallarés-Torres Jing Chang Lou	
DOI 10.22533/at.ed.9542024079	
CAPÍTULO 10	159
ESTUDO DE UM FRAGMENTO URBANO: O BAIRRO-JARDIM CHÁCARA FLORA, SÃO PAULO	
Luciana Monzillo de Oliveira Maria Pronin	
DOI 10.22533/at.ed.95420240710	
CAPÍTULO 11	175
MARCAS E MATRIZES DA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM URBANA NO ALTO DA BOA VISTA, RIO DE JANEIRO	
Leonardo Rodrigues Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.95420240711	
CAPÍTULO 12	187
CEAGESP: RECONVERSÃO E PROJETO URBANO?	
Bárbara Pereira Baptista Nadia Somekh	
DOI 10.22533/at.ed.95420240712	
CAPÍTULO 13	203
A EVOLUÇÃO DAS INTERVENÇÕES URBANAS SOBRE A CONFORMAÇÃO DA PAISAGEM DE UMA CENTRALIDADE LINEAR: AVENIDA REBOUÇAS, EM SÃO PAULO	
Maria Pronin Luciana Monzillo de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.95420240713	
CAPÍTULO 14	219
AFINAL, O QUE SÃO ECOVILAS? EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO	
Juliana Viégas de Lima Valverde	
DOI 10.22533/at.ed.95420240714	
CAPÍTULO 15	233
ESTRATÉGIAS DE PROJETO PARTICIPATIVO EM ÁREAS DE VULNERABILIDADE SOCIAL	
Júlio Barretto Gadelha Tomaz Amaral Lotufo	
DOI 10.22533/at.ed.95420240715	

CAPÍTULO 16	267
MOBILIDADE ATIVA E CAMINHABILIDADE: ENSAIO PROJETUAL NA AV. JAIR DE ANDRADE	
Mateus Marcarini Zon	
Larissa Leticia Andara Ramos	
Laura Lopes Akel	
Natália Brisa do Nascimento Santos	
DOI 10.22533/at.ed.95420240716	
CAPÍTULO 17	279
PRÁTICAS URBANAS CRIATIVAS: ESTUDO, ANÁLISE E IMPACTO DE AÇÕES TÁTICAS NO ESPAÇO PÚBLICO	
Carolina Vitória Ortenzi Bortolozzo Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.95420240717	
CAPÍTULO 18	296
GESTÃO URBANA E PARTICIPAÇÃO SOCIAL: REFLEXÃO EM TEMPOS DE DISSENSO	
Andre Reis Balsini	
DOI 10.22533/at.ed.95420240718	
SOBRE A ORGANIZADORA	309
ÍNDICE REMISSIVO	310

MARCAS E MATRIZES DA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM URBANA NO ALTO DA BOA VISTA, RIO DE JANEIRO

Data de aceite: 05/07/2020

Data de submissão: 04/05/2020

Leonardo Rodrigues Pereira

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU), Escola de Arquitetura e Urbanismo (EAU), Universidade Federal Fluminense (UFF)

Niterói – Rio de Janeiro

<http://lattes.cnpq.br/9077841048973995>

RESUMO: A pesquisa busca compreender alguns aspectos relevantes da paisagem e do ambiente, tendo como estudo de caso o bairro do Alto da Boa Vista, na cidade do Rio de Janeiro, delimitando e avaliando as várias etapas de processo de desenvolvimento da localidade, desde sua criação até hoje. Como objetivo geral, o trabalho apresenta o estudo das relações existentes entre o elementos arquitetônicos e urbanísticos e o patrimônio natural, considerando suas contribuições para a formação de uma paisagem urbana. Para alcançá-lo pretende-se partir do reconhecimento de nexos entre o espaço urbano e natural, configurados, principalmente, em uma concepção de natureza vinculada às idéias de civilização e nacionalidade presentes,

no Rio de Janeiro do século XIX. Neste momento pode-se destacar o reflorestamento da Floresta da Tijuca promovido pelo Major Archer entre 1861 e 1874, que recupera uma significativa área prejudicada pela monocultura comercial escravista, como um evento histórico fundamental para a evolução da paisagem na área. Baseado em referencial teórico de análise de Augustin Berque (1984), e sua visão sobre a geografia cultural, atuando sobre os conceitos de paisagem-marca e paisagem-matriz, pretende-se abarcar uma interpretação dos significados da paisagem em sua constituição, ao longo dos diferentes tempos históricos, assim como sua relação com a sociedade e a cultura até os dias atuais. Na sistematização e agrupamento dos estudos das paisagens, serão caracterizados os grupos a partir dos períodos distintos da história que marcam diferentes relações entre civilização e natureza, na construção da paisagem urbana do bairro, no entorno imediato ou inserida na Floresta da Tijuca. A partir destes períodos, procura-se dissecar os significados das paisagens caracterizadas pelas marcas dos distintos períodos, sob condicionantes socioeconômicos, ambientais e culturais, iconizadas em edificações peculiares, que foram historicamente vivenciadas por plantio de monocultura comercial, por reflorestamento e

por organização espacial para sua utilização pela sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem; Alto da Boa Vista; Rio de Janeiro; Floresta da Tijuca; História Urbana.

MARKS AND SOURCES OF URBAN LANDSCAPE'S CONSTRUCTION IN ALTO DA BOA VISTA, RIO DE JANEIRO

ABSTRACT: This research seeks to understand some relevant aspects of the landscape and the environment, taking as a study area the neighborhood of Alto da Boa Vista, in the city of Rio de Janeiro, delimiting and evaluating the various stages of the local development process, since the creation until now. As a general objective, the study of the existing relationships between the architectural and urban elements and the natural heritage are presented in this paper. Therefore, it's considering their contributions to formation of an urban landscape. To achieve this, the recognition of connections between urban and natural space is one main intention. Thus it's configured mainly in a conception of nature linked to the ideas of civilization and nationality present in Rio de Janeiro in the 19th century. At this moment, the reforestation of the Tijuca Forest promoted by Major Archer between 1861 and 1874 is an important memory, which recovers a significant area damaged by the commercial slavery monoculture, as a fundamental historical event for the evolution of the landscape in this place. Based on benchmarks of analysis by Augustin Berque (1984), and his view on cultural geography, acting on the concepts of landscape's marks and sources and looking for an interpretation of the meanings of landscape in its constitution, throughout from different historical times, and the relationship with society and culture to the present day. In the systematization and union of landscape studies, groups will be characterized from different periods of history that mark different relations between civilization and nature, in the construction of the urban landscape of the neighborhood, in the immediate surroundings or inserted in the Tijuca Forest. From these periods, this work will seek for the meanings of the landscapes characterized by the marks of the different periods, under socioeconomic, environmental and cultural conditions, iconized in peculiar buildings, which was historically experienced by planting commercial monoculture, by reforestation and by spatial organization for its use by society.

KEYWORDS: Landscape; Alto da Boa Vista; Rio de Janeiro; Tijuca Forest; Urban History.

1 | BREVE INTRODUÇÃO AO CONCEITO DE PAISAGEM

O termo paisagem, segundo o senso comum, se reduz a uma porção do espaço que pode ser observada com um golpe de vista. A definição simplista não atinge as reflexões epistemológicas de nosso tempo, que concebem esse conceito como multidimensional, suscitando aspectos morfológicos, ou seja, um conjunto de formas criadas pela natureza e pela ação antrópica, além de dimensões funcionais, através das relações entre suas diversas partes.

Para ampliar a discussão sobre o conceito de paisagem, podemos embarcar na retórica francesa sobre o termo – chamado por eles de *paysage*. Na geografia francesa, se torna interessante abordar a figura de Paul Vidal de La Blache, importante pensador do problema de diferenciação das paisagens na França do século XIX. La Blache mostrou como as paisagens de uma região são o resultado das superposições, ao longo da história, das influências humanas e dos dados naturais. As paisagens são, segundo ele, uma herança histórica. Neste âmbito, a ideia de meio (*milieu*) urge como fundamental na obra de La Blache, complementando o conceito de paisagem a partir da consideração do homem como peça primordial frente a um meio ambiente, interagindo e transformando-o.

A ideia de ambiente, importante para complementação do conceito de paisagem, que tem sua origem científica na Biologia, é calcada na relação do homem com o meio, desde seu entendimento como fonte de extração de matéria-prima, como local de produção, como habitat, até seu entendimento como local simbólico. Calcado nos estudos de Augustin Berque, desta escola francesa, neste trabalho será tratada a noção de paisagem-marca e paisagem-matriz como produtos de interações humanas com o meio ambiente. Neste sentido, importante destacar a reflexão em Berque (1984): “As ideologias, ideias, aspirações, conflitos de classes, enfim, as relações humanas, que geram ações, têm como palco destas ações o espaço”.

Nesta instância, os elementos e as paisagens estarão constituídos a partir da lógica do binômio marca/matriz, apoiado em Berque, onde marca é quando a paisagem expressa uma civilização e matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza.

A noção de transformações contínuas que podem alterar a paisagem-matriz e a paisagem-marca está intrínseca também nas discussões sobre o desenvolvimento sustentável, presente no arcabouço que trata da cultura como um aspecto importante para obtenção da sustentabilidade. Abordaremos a paisagem aqui enquanto um conceito polissêmico, uma construção social, produto de uma construção simbólica e que ao mesmo tempo alimenta mais interpretações simbólicas, num ciclo contínuo que resulta numa também contínua transformação da paisagem. Ela é, portanto, marca e matriz do pensamento geográfico de uma sociedade.

Com base na geografia, pensa-se então um conceito mais amplo para o termo paisagem, do que o senso comum —espaço que se abarca no olhar. É importante o entendimento de que os objetos que existem juntos na paisagem, existem em inter-relação, constituindo assim a realidade como um todo, que não pode ser estudada através de seus componentes em separado. Paisagem assume o conceito de uma forma da Terra na qual o processo de modelagem, não permite de modo algum ser imaginado como simplesmente físico. Toda paisagem tem uma individualidade, bem como uma relação com outras paisagens e isso também é verdadeiro com relação às formas que compõem

a paisagem.

2 | MARCAS E MATRIZES: METODOLOGIA DE RECONHECIMENTO DA PAISAGEM

Mantendo como foco de abordagem a perspectiva da geografia cultural, ancorado no esquema marca/matriz de Augustin Berque, disserta-se sobre a dinâmica das paisagens como matrizes geográficas. Neste âmbito emerge o conceito de trajeção, que remete a uma relação intrínseca que abrange tempo e espaço configurados na paisagem que descreve o significado ontológico do local.

Segundo Berque (1998), “a paisagem é uma marca à medida que expressa uma civilização, e é também uma matriz, pois participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação que canalizam a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza”. Esta ideia nos introduz no universo das relações entre significados e significantes tão utilizadas no entendimento da linguística.

Enquanto marca, pode e deve ser descrita e inventariada - quantificando-se, por exemplo, formas e conjuntos de formas na paisagem, analisando a articulação destas entre si. Estes procedimentos têm como consequência o distanciamento do objeto inicial da proposta - a paisagem - já que ocorre uma abstração que resulta na ausência da relação direta com o sujeito.

Pode-se então perceber, sob a égide da geografia cultural, a paisagem de dois modos:

Vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada por uma estética e uma moral.

Como matriz que determina esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética e essa moral.

Entende-se, pois, que a paisagem é plurimodal (passiva-ativa-potencial) como o é o sujeito para o qual a paisagem existe. A paisagem e o sujeito são integrados em um conjunto unitário, que se autoproduz e se auto reproduz (portanto se transforma) pelo jogo, jamais de soma zero, desses diversos modos. Este sujeito em questão é um sujeito coletivo: é uma sociedade, dotada de uma história e de um meio. O que está em causa são todos os modos de relação do indivíduo com o mundo; tudo aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e o supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando com isso um sentido à sua relação com o mundo.

Ao contrário da maioria das ciências sociais, a geografia cultural sempre levará cuidadosamente em conta o material físico no qual cada cultura imprime a marca que lhe é própria - marca que ela considerará como uma geografia em primeiro grau: a escrita da terra por uma sociedade.

Assim, no final do século XX, a relação indivíduo-ambiente é colocada em novos termos, marcando uma transição do enfoque sobre a configuração material da paisagem

para um enfoque mais abrangente, envolvendo não apenas a materialidade do espaço, mas as relações simbólicas que os sujeitos estabelecem com o mesmo.

Concomitante a essa nova concepção de paisagem, surgem novos modos de analisá-la, a fim de compreender seus significados, ultrapassando a análise morfológica, e envolvendo a interpretação de manifestações culturais locais, como canções populares, lendas, peças de artesanato, e demais elementos que possibilitem uma aproximação à representação que a população elabora sobre seu território, possibilitando ao pesquisador compreender a dinâmica construção da paisagem.

3 | MARCAS E MATRIZES: DEFINIÇÕES DE PLANOS DE ANÁLISE

Mediante a constituição e reflexão acerca do referencial teórico de Augustin Berque, foram identificados os planos de análise a serem implementados no estudo da paisagem, a partir de suas marcas e matrizes, no bairro do Alto da Boa Vista, no Rio de Janeiro. Na sistematização e agrupamento dos estudos das paisagens, foram caracterizados os grupos a partir dos períodos distintos da história que marcam diferentes relações entre civilização e natureza, na construção da localidade, a qual, é interessante frisar, conta em seu coração com uma das maiores florestas urbanas do mundo: a floresta da Tijuca. Os grupos são divididos da seguinte maneira:

Colonial - 1750 a 1821

Imperial – 1821 a 1889

Republicano – 1ª etapa: 1889 a 1930

Republicano – 2ª etapa: 1930 a 1961

Contemporâneo: a partir de 1961

Apartir destes períodos pretende-se relacionar a concepção de natureza vinculada aos ideais de civilização e nacionalidade, sob condicionantes socioeconômicos, ambientais e culturais, procurando dissecar os significados das paisagens caracterizadas pelas marcas dos distintos períodos, iconizadas em edificações peculiares, que foram historicamente vivenciadas por plantio de monocultura comercial, por reflorestamento e por organização espacial para sua utilização pela sociedade.

Neste panorama, anseia-se uma análise das múltiplas paisagens específicas existentes no Alto da Boa Vista, para propiciar ao leitor uma sugestiva discussão sobre o vernáculo daquelas paisagens, estimuladas pelo conceito de Berque sobre o caráter trajetivo da mesma, na qual é relevante o processo de intersubjetividade, ou seja, a realidade do sujeito e do objeto não é apenas física ou mental, comportando uma teia de relações sócio-espaciais que se expressam naquela paisagem.

O estudo das paisagens apoia-se na investigação histórica dos fenômenos (marcas e matrizes), a partir das fontes bibliográficas, complementando-se na observação dos

diferentes pontos/ângulos do território do bairro. As imagens produzidas a partir do recurso da fotografia permitem captar as relações existentes na paisagem, sendo expressão retórica para o destrinchar da análise.

A identificação e reconhecimento dos elementos presentes nas diferentes cenas produzidas é fundamental para a focalização dos símbolos (marcas) e seus distintos significantes. O enfoque se dará sobre bens construídos e naturais com valor patrimonial justificado, como elementos componentes da paisagem urbana abordada.

De acordo com as análises de campo – observação e pesquisa das áreas do Alto da Boa Vista, com apoio nas imagens estruturadas a partir das fotografias, forma-se como plano síntese da conjuntura, o quadro a seguir explicitando as principais marcas e matrizes identificadas em correlação com os grupos temporais definidos.

TIPO	MARCAS	MATRIZES
PAISAGEM COLONIAL (1750-1821)	Ruínas de grandes fazendas Ruína sítio do Midosi Ruína do sítio humaitá	Monocultura cafeeira Desmatamento
PAISAGEM IMPERIAL (1821-1889)	Arquitetura neoclássica e eclética Pontes, palacetes, fontes, monumentos Mesa do Imperador, chafariz, palacete itamaraty Conformação urbanística	Reflorestamento (Major Archer) Missão artística francesa Presença do Imperador / monarquia
PAISAGEM REPUBLICANA 1 (1889-1930)	Arquitetura neocolonial Tipologia arquitetônica: Prédio e sobrados - Arquitetura Civil	Consolidação do Estado-Nação pós monarquia Romantismo e fuga da cidade - José de Alencar
PAISAGEM REPUBLICANA 2 (1930-1961)	Consolidação urbanística - traçado como conhecemos hoje	Decreto de criação do Parque Nacional da Tijuca Gestão Getúlio Vargas
PAISAGEM CONTEMPORÂNEA (após 1961)	Ocupação irregular Antigas mansões como locação para eventos	Expansão urbana da cidade em direção à Barra da Tijuca Déficit habitacional Festas e eventos - cenário - pós modernismo

Figura 1. Tabela de marcas e matrizes da paisagem do Alto da Boa Vista.

Fonte: Acervo pessoal

Nesta conjuntura, são definidos os esquemas de entendimento das paisagens que serão enfocados a partir da singularidade de cada grupo, com suas respectivas marcas e matrizes nos próximos capítulos deste artigo.

4 | O ALTO DA BOA VISTA E SUAS PAISAGENS

Abordaremos neste capítulo as diferentes leituras da paisagem do Alto da Boa Vista e seus conceitos de marcas e matrizes. As marcas e matrizes consideradas neste trabalho foram as reconhecidas como mais significativas a partir da concepção de grupos historiográficos estabelecidos para a análise – Paisagem Colonial, Paisagem Imperial, Paisagem Republicana e Paisagem Contemporânea.

As escolhas dos elementos significantes bem como suas relações expressam algumas das inúmeras abordagens que podem ser estabelecidas frente à paisagem urbana da área. A arrumação de paisagens sistematizadas em imagens para o estudo científico, tenta relacionar os diversos sentidos estabelecidos nas retóricas preservacionistas, desde as principais iniciativas europeias, com o início das políticas de reflorestamento e de cultivo de florestas ordenadas e monocultoras, onde a paisagem natural assume, no século XVIII e especialmente no XIX, da contemplação do cenário selvagem ou domesticado, sendo este último aspecto primordial para os estudos relacionados com a temática da pesquisa.

5 | A PAISAGEM COLONIAL: MARCAS E MATRIZES

Em um primeiro grupo de análise para leitura da paisagem do bairro convencionamos denominá-lo de paisagem colonial. Neste âmbito, devemos lembrar-nos do contexto do período colonial – para efeito de análise da área consideramos o período anterior ao reflorestamento promovido pelo Major Archer no século XIX e anterior à chegada da família Imperial como fundamentos históricos para a denominação de uma “paisagem colonial”.

Configuram-se então, como principais matrizes da denominada paisagem colonial do Alto da Boa Vista: O desmatamento promovido na região a partir da chegada do Café em 1727 e a sociedade e o modo de vida daquele tempo de monocultura escravista. As marcas fundamentais estabelecidas na denominada paisagem colonial consistem nas ruínas das grandes fazendas do período, constituindo em registros, em símbolos daquele momento da história e do ideário de civilização e sociedade que contribuiram para a formação (e transformação) do território. Destacam-se como marcas referenciais: O sítio Humaitá, que foi adquirido pelo Deputado da Província, Luís Pedreira do Couto Ferraz, futuro Barão e depois Visconde do Bom Retiro, em 1850 e o sítio do Midosi, que pertenceu ao Visconde de Asseca, e adquirido em 1924 por Guilherme Midosi pode ser considerada outro exemplo de marca relevante deste tempo. Seu estado atual é de ruínas, e somente a senzala teve um restaurante edificado sobre ela. Lá residiu o Major Archer até 1873. Atualmente lá funciona um restaurante denominado “A Floresta”.

6 | A PAISAGEM IMPERIAL: MARCAS E MATRIZES

Em segundo grupo de análise para leitura da paisagem da área de estudos obtemos o que convencionamos denominá-lo de paisagem imperial. Nesta instância, devemos avaliar do contexto do período imperial – para efeito de análise da área consideramos o período compreendido entre a chegada da família Imperial ao Rio de Janeiro, ao Brasil, e a proclamação da República como fundamentos históricos para a denominação de uma –paisagem imperial”.

Este período simboliza a mudança de paradigma na maneira de enxergar o espaço da floresta, o espaço que se tornaria, a posteriori, Parque Nacional da Tijuca. Esse ideário é concebido no século XIX, no âmbito das novas relações com aquele espaço constituídas pela nova política imperial, como por exemplo a chegada da missão artística francesa.

Destaca-se, neste período, a presença do pintor Nicolas Antoine Taunay, que fixou residência no local, junto à hoje conhecida Cascatinha Taunay, e promoveu o local como lugar de beleza natural e clima agradável.

Após 1822, a região da Tijuca receberia um nome extraoficial dando o significado de sua grandeza proporcionado pela riqueza do café: “Tijuca Imperial”. A Tijuca recebia poderosos habitantes que eram atraídos pela prosperidade cafeeira. Configuram-se então, como principais matrizes da denominada paisagem imperial do Parque Nacional da Tijuca; O reflorestamento promovido pelo Major Archer em 1961; A chegada da Missão Artística Francesa ao Rio de Janeiro, Além da presença do Rei D. João VI de toda a corte portuguesa no Brasil.

As marcas fundamentais estabelecidas na denominada paisagem imperial consistem nas arquiteturas neoclássica e eclética, sobretudo suas fontes, palacetes, pontes e monumentos; bem como a conformação —urbanall do parque. Estas marcas constituem registros, em símbolos daquele momento da história e do ideário de civilização e sociedade que contribuíram para a formação (e transformação) do território. Destacam-se como marcas referenciais: A Praça Afonso Viseu, com destaque para seu chafariz; a ponte Job de Alcântara (1860), localizada junto à Cascatinha Taunay; A capela Mayrink; O palacete do Conde do Itamaraty; A fonte Wallace; O monumento do Visconde do Bom Retiro e a mesa do Imperador.



Figura 2. Chafariz em cantaria da Praça Afonso Viseu, projeto do arquiteto francês Grandjean de Montigny.

Fonte: Acervo Pessoal

7 | A PAISAGEM REPUBLICANA: MARCAS E MATRIZES

Em um terceiro grupo de análise para leitura da paisagem da localidade obtemos o que convencionamos denominar aqui de paisagem republicana. Durante a pesquisa avaliou-se que o contexto do período republicano para efeito de análise da área era deveras complexo. Tendo em vista este fato, o período republicano foi dividido em duas partes: A primeira, corresponde ao tempo compreendido entre a Proclamação da República e a ascensão de Getúlio Vargas à presidência; E a segunda parte, compreende desde a ascensão de Getúlio Vargas à presidência da República até o decreto que institui a criação do Parque Nacional da Tijuca (1961).

Estes se apresentam como fundamentos históricos para a denominação de uma paisagem republicana”. Em um primeiro momento, o que convencionamos chamar da paisagem republicana da 1ª metade, tem como contexto a República Velha, que apresentava para a sociedade uma busca de consolidação do estado após o período imperial. Neste tempo, a maioria dos presidentes desta época eram políticos de Minas Gerais e São Paulo. Estes dois estados eram os mais ricos da nação e, por isso, dominavam o cenário político da república. Saídos das elites mineiras e paulistas, os presidentes acabavam favorecendo sempre o setor agrícola, principalmente do café (paulista) e do leite (mineiro). A política do café-com-leite sofreu duras críticas de empresários ligados à indústria, que estava em expansão neste período. O paradigma instituído era positivista e oligárquico, onde a retórica do progresso se misturava com as novas elites ditadas pelo poder aquisitivo dos grandes produtores do setor agrícola e pecuário. Era preciso neste momento resgatar uma nova base, nova consistência histórica para o novo momento da nação.

Estas novas elites buscam sua autoafirmação a partir do passado colonial, transitando na ambiguidade dos conceitos de tradicional e moderno. A orientação nacionalista do movimento Neocolonial se explicita, entre outros aspectos, na defesa das manifestações artísticas tradicionais como expressões da nacionalidade e elementos de constituição da arquitetura brasileira. Contrapondo-se ao ecletismo arquitetônico reinante nos séculos XIX e XX, o movimento neocolonial propõe uma arquitetura de cunho nacional.

O interesse renovado pelo estilo colonial nas primeiras décadas do século XX pode ser observado não apenas no Brasil, mas em diversos países da América Latina, de modo geral associado às comemorações dos movimentos de independência nacional. No México, Peru, Colômbia, Venezuela e países da América Central nota-se a retomada - utópica e, de certo modo, nostálgica - de motivos decorativos, elementos ornamentais e estilos presentes na tradição e cultura dos povos autóctones (incas, maias, astecas, etc.), numa tentativa de substituir o vocabulário eclético importado da Europa no século XIX. No Brasil, a pretensa e estipulada ausência de uma arquitetura indígena que pudesse ser resgatada impõe a retomada do barroco e do rococó.

Configuram-se então, como principais matrizes da denominada paisagem republicana, em sua 1ª parte, do Parque Nacional da Tijuca; A Consolidação do estado nação pós-monarquia; E o Romantismo e fuga da cidade, tendo como expoente importante a literatura de José de Alencar. As marcas fundamentais estabelecidas na denominada paisagem republicana, em sua 1ª parte, consistem principalmente na arquitetura neocolonial; bem como a nova conformação de tipologia arquitetônica: representada pelos prédios e sobrados, de uma arquitetura civil de uma nova elite de imigrantes. Estas marcas constituem registros, em símbolos daquele momento da história e do ideário de civilização e sociedade que contribuíram para a formação (e transformação) do território. Destacam-se como marcas referenciais deste período: O restaurante “Os Esquilos”, o Museu do Açude e casas de funcionários dentro do parque Nacional da Tijuca com referenciais neocoloniais.

Em um segundo momento, urge o que convencionamos chamar da paisagem republicana da 2ª metade, que tem como contexto histórico principal a Era Vargas, que apresentava para a uma dinâmica de governo e estabelecendo novas bases sócio-políticas para o país. Ao assumir o poder da presidência do Brasil, Getúlio Vargas pôs fim na República Velha, suspendeu a Constituição de 1891, cerrou as Assembleias Estaduais e o Congresso Nacional. Estabeleceu a ditadura, no entanto, prometeu novas eleições de uma Assembleia Constituinte. São denominadas fases do governo Vargas: Provisório (1930-1934); Constitucional (1934-1937); Ditatorial (1937-1945), também chamado Estado Novo.

Neste tempo, a crise econômica internacional de 1929, provocada pela quebra da Bolsa de Nova Iorque, repercutiu intensamente no Brasil, levando muitos cafeicultores à ruína, devido à quebra dos 103 preços no mercado internacional. Por outro lado, os setores ligados à indústria e às chamadas classes médias urbanas, em ascensão, fortaleceram-se. Em 1930, aliaram-se ao movimento tenentista e desfecharam o golpe que levou Getúlio Dorneles Vargas ao poder. O paradigma propagado era populista, industrial e militar, onde a retórica do progresso agora era ditada pelo controle estatal absoluto e firmam-se as bases industriais no país. Neste momento a discussão entre o tradicional e moderno, firma-se para o que é ser moderno. Em termos mundiais, este período é bastante tenso, culminando na 2ª guerra mundial.

Na arquitetura, o Rio de Janeiro foi o palco dos primeiros encontros entre arquitetos brasileiros nos anos 30. A orientação nacionalista do movimento Modernismo se explicita, entre outros aspectos, na declara o rompimento com o tradicionalismo cultural estabelecido na República Velha. A defesa de um novo ponto de vista estético e o compromisso com a independência cultural do país fazem do modernismo sinônimo de “estilo novo”, diretamente associado à produção realizada sob a influência de 1922. Este período evidencia um compromisso primeiro dos artistas com a renovação estética, beneficiada pelo contato estreito com as vanguardas europeias.

Configuram-se então, como principais matrizes da denominada paisagem republicana, em sua 2ª parte, do Parque Nacional da Tijuca; A Gestão do Presidente Getúlio Vargas; E o decreto de criação do Parque Nacional da Tijuca. As marcas fundamentais estabelecidas na denominada paisagem republicana, em sua 2ª parte, consistem primordialmente na consolidação urbanística do Parque como o conhecemos hoje. Estas marcas constituem registros, em símbolos daquele momento da história e do ideário de civilização e sociedade que contribuíram para a formação (e transformação) do território. Destacam-se como marcas referenciais: o Cristo Redentor, o Açude da Solidão, projetado por Burle Marx em 1944 e os prédios de arquitetura civil de características ecléticas que ocupam principalmente o entorno da Praça Afonso Viseu.

8 | A PAISAGEM CONTEMPORÂNEA: MARCAS E MATRIZES

Em um quarto grupo de análise para leitura da paisagem do Parque Nacional da Tijuca convencionamos denominá-lo de paisagem contemporânea. Neste âmbito, devemos lembrar-nos do contexto do período contemporâneo – para efeito de análise da área consideramos o período posterior ao decreto de criação do Parque Nacional da Tijuca como fundamento histórico para a denominação de uma —paisagem contemporânea”.

Podemos caracterizar, como principais vertentes da paisagem contemporânea na região: O crescimento populacional da cidade e a apropriação pós-moderna da cultura e do espaço da atualidade, onde o cenário e a espetacularização – ou seja, o parecer, a imagem – possuem valoração maior que o ser, a essência das relações.

Configuram-se então, como principais matrizes da denominada paisagem colonial do Parque Nacional da Tijuca; Expansão urbana da cidade em direção à Barra da Tijuca; Déficit habitacional e Festas e eventos produzidas no cenário do parque. As marcas fundamentais estabelecidas na denominada paisagem contemporânea consistem nas ocupações irregulares existentes no parque e em seu entorno e na utilização das antigas mansões como cenário para festas e eventos.

Estes fatores constituem em registros, em símbolos daquele momento da história e do ideário de civilização e sociedade que contribuíram para a formação (e transformação) do território. Destacam-se como marcas referenciais: A comunidade Mata Machado, uma das grandes ocupações no bairro e as antigas mansões abandonadas por novas gerações da antiga aristocracia que preferem viver em bairros mais seguros e mais alinhados com os anseios contemporâneos, como a Barra da Tijuca.



Figura 3. Vista da comunidade Mata Machado, ocupação irregular no Alto da Boa Vista.

Fonte: Acervo pessoal

9 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o fenômeno da paisagem urbana como cultural, em sua expressão peculiar, os estudos e atividades direcionaram o entendimento do fato em todas as suas características e circunstâncias relacionadas intrinsecamente. Foi importante perceber as distintas relações existentes na área projeto, evidenciando suas marcas e matrizes, em grupos historiográficos específicos que moldaram a leitura das paisagens do Alto da Boa Vista, bairro singular da cidade e que possui um potencial enorme para desenvolvimento de estudos na área de morfologia urbana relacionada ao ambiente natural.

REFERÊNCIAS

BERQUE, A. Paisagem marca, paisagem matriz: Elementos da problemática para uma Geografia Cultural. *In*: CORRÊA, R.L.; ROZENDAHL, Z. (org.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1984. p. 84-91.

CULLEN, G. **Townscape**, Londres: The Architectural Press, 1961.

DRUMMOND, J. A. **O Jardim dentro da Máquina: Breve história ambiental da Floresta da Tijuca**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1988.

HEYNEMANN, C.B. **Floresta da Tijuca: Natureza e Civilização**. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

SAUER, C.O. The morphology of landscape. *In*: LEIGHLY, J. (org.). **Land and life - a selection from the writings of Carl Ortwin Sauer**. Berkeley: University of California Press, 1983. p. 315-350.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura Urbana 116, 118, 122, 126

Análise Espacial 13

Arborização Urbana 24, 63, 65, 66, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 84, 85, 86, 87

Áreas Verdes 5, 21, 36, 37, 41, 42, 60, 63, 64, 65, 75, 82, 87, 101, 117, 162, 171, 195, 241

Assentamentos Sustentáveis 219

C

Calçada 79, 267, 276, 278, 291

Cambio Climático 30, 31, 37, 61

Caminhabilidade 259, 267, 269, 270, 272, 276, 278, 289

Cidade 5, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 16, 17, 18, 22, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 84, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 101, 103, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 117, 118, 120, 121, 123, 124, 125, 129, 130, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 159, 160, 161, 162, 163, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 184, 185, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 210, 212, 213, 215, 217, 231, 234, 235, 236, 237, 240, 241, 242, 243, 247, 248, 250, 255, 259, 260, 264, 265, 267, 268, 269, 270, 276, 278, 280, 281, 282, 283, 284, 286, 287, 289, 290, 291, 292, 294, 295, 296, 297, 299, 301, 303, 307, 308

Cidade-Jardim 159, 160, 162, 171

Comunidades Alternativas 219, 226, 232

Comunidades Intencionais 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 229, 231

Convívio Social 105, 188, 279, 280, 285, 286, 291

Crescimento Urbana 102

Cultura da Sustentabilidade 219

D

Desenvolvimento Sustentável 1, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 12, 86, 177, 224, 225, 231, 288, 294

E

Ecologia de Paisagens 13

Ecologia Urbana 116, 120, 121, 123, 125

Escola Sem Muros 234, 235, 236, 238, 240, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 258, 260, 261, 262, 263, 264

Espaços Públicos 27, 84, 88, 89, 91, 92, 93, 97, 98, 100, 101, 204, 264, 267, 268, 269, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 288, 289, 290, 291, 292

Evolução Urbana 10, 129, 144

F

Fragmentação Espacial 13, 15, 27

G

Gestão Urbana 113, 291, 296, 297, 298, 300, 303, 307

H

História Urbana 176

I

Infraestrutura Religiosa Católica 145, 147, 153, 154, 155

Infraestrutura Verde 13, 14, 16, 21, 22, 24, 27, 28

L

Legislação Ambiental 15, 102

legislação Urbanística 102, 104, 109, 113

Lugar Público 279

M

Mobilidade Ativa 267, 269, 270, 272, 274, 276, 278

Morfologia Urbana 28, 63, 65, 88, 102, 103, 105, 107, 159, 160, 161, 173, 174, 186

O

Ocorrências Urbanas 102, 103, 105, 106, 107, 108

P

Paisagem 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 23, 27, 28, 61, 65, 71, 112, 117, 119, 120, 121, 125, 127, 137, 162, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 203, 205, 253, 263, 281, 283, 293, 301

Paisaje Cultural 30, 32

Participação Social 90, 93, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 306, 307

Patrones de Localización 145, 151

Pedestre 5, 11, 12, 213, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 276, 278

Percepção 63, 71, 75, 87, 88, 91, 93, 98, 99, 100, 123, 124, 177, 178, 248, 253, 255, 259, 264, 270

Planejamento Urbano 5, 6, 64, 101, 102, 103, 104, 105, 110, 113, 116, 124, 125, 199, 240, 279, 282, 288, 291, 300

Políticas Públicas 1, 3, 4, 8, 11, 90, 105, 192, 240, 264, 282, 291, 296, 297, 298, 303, 304, 305
Práticas Urbanas Criativas 114, 279, 282, 283, 284, 286, 287, 289, 291, 293, 294
Processamento de Imagens 13
Processo de Projeto 233, 234, 260
Projeto Urbano 98, 161, 187, 191, 200, 201, 298

Q

Qualidade do Espaço Urbano 203, 205, 210, 267

R

Reconversão 187, 191
Resiliência Urbana 116, 118, 123

S

Serviços do Ecossistema 116, 117, 118, 121, 122, 125
Sistema Viário 5, 11, 15, 72, 170, 173, 195, 198, 203, 205, 210, 212, 215

T

Trama Urbana 47, 141, 145, 146, 149, 152, 157

U

Urbanismo 1, 3, 4, 5, 6, 9, 11, 12, 13, 16, 28, 36, 61, 63, 101, 114, 129, 139, 142, 145, 159, 163, 167, 171, 175, 188, 190, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 202, 203, 212, 213, 216, 217, 219, 221, 229, 230, 231, 234, 265, 267, 278, 284, 286, 287, 288, 291, 293, 294, 296, 307, 309
Urbanização 1, 3, 4, 7, 10, 11, 15, 18, 64, 67, 106, 112, 116, 117, 118, 130, 139, 143, 193, 196, 241

V

Vegetação 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 72, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 87, 106, 111, 114, 163, 173, 195, 272, 276, 278

ARQUITETURA E URBANISMO: ABORDAGEM ABRANGENTE E POLIVALENTE 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

ARQUITETURA E URBANISMO: ABORDAGEM ABRANGENTE E POLIVALENTE 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 